**VIVÊNCIAS E LITERATURA: PRÁTICAS DE LEITURA VOLTADAS PARA O 8° ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Leticia Rejane de Oliveira Araujo[[1]](#footnote-1)

Natalí Maria Santiago Ribeiro[[2]](#footnote-2)

Marcos José de Pontes[[3]](#footnote-3)

Rossana Ramos Henz[[4]](#footnote-4)

**Resumo**

Este trabalho visa relatar atividades desenvolvidas pelo Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), na Escola Municipal Prof. Anísia Pereira de Lira, em Aliança–PE. Oito bolsistas tiveram como tarefa trabalhar o gosto dos discentes pela leitura e apresentar abordagens, estratégias e recursos de desvendamento do texto para que os alunos construíssem um pensamento crítico e relacionassem a leitura a uma função social. As atividades foram realizadas por meio de rodas de leitura de contos e poema de terror e exposição, análise e comparação de filmes de gênero escolhido pelos alunos.

Palavras-chave: Literatura; Leitura; Letramento.

**INTRODUÇÃO**

Descrevemos neste trabalho as experiências e atividades realizadas na turma do 8º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Professora Anísia Pereira de Lira, localizada no município de Aliança – PE. O projeto surgiu da necessidade de contemplar a leitura em sala de aula e garantir seu êxito nas práticas pessoais dos educandos mais além do âmbito escolar. Sabe-se que a leitura condiciona os processos educacionais, logo a escola não pode negligenciar esta prática. Sendo assim, o professor não pode limitar-se ao livro didático como fonte da prática leitora.

Portanto, objetivamos trabalhar o gosto do aluno pela leitura e apresentar abordagens, estratégias e recursos de desvendamento do texto, ou seja, criar com os alunos práticas que os ajudassem a compreender e interpretar um texto para que com isso, construíssem um pensamento crítico, apoiando assim, o pensamento de Kleiman (2002):

Somente quando se ensina o aluno a perceber esse objeto que é o texto em toda sua beleza e complexidade, isto é, como ele está estruturado, como ele produz sentidos, quantos significados podem ser aí sucessivamente relevados, ou seja, somente quando são mostrados ao aluno modos de se envolver com esse objeto, mobilizando saberes, memórias, sentimentos para assim compreendê-lo, há ensino de leitura. O papel da escola nesse processo é o de fornecer um conjunto de instrumentos e estratégias para o aluno realizar esse trabalho de forma progressivamente autônoma (KLEIMAN, 2002, p. 28).

Paulo Freire nos diz em *A Importância do Ato de Ler* que a leitura do mundo precede a leitura da escrita, portanto, provocar no aluno a percepção de que o ato de ler é praticado a todo o momento e até fora da escola, apesar de não ser uma tarefa simples, é de fundamental importância para a formação de um hábito leitor, pois é numa comunicação entre a literatura e o cotidiano, entre a realidade e a ficção que o aluno conhecerá muito mais sobre seu próprio mundo, o que amplia as possibilidades de que se entenda o que se ouve e se lê, o que comprova essa indissociável relação entre o que está fora e dentro dos livros, como informa Perini (1999).

É nessa perspectiva, de que a literatura tanto quanto a sua leitura contribuirão diretamente para um conhecimento que precede até mesmo a escola, que surge a ideia de trabalhar com gêneros em que se possa perceber uma identificação entre o texto e o indivíduo, cabendo ao professor a missão de selecionar materiais que se adaptem àquela realidade em especifico, pois quando isso acontece é muito mais simples a constituição do leitor, como informa Leite:

Quando o professor pretende formar leitores, deve estar disposto a mudar e enriquecer a sua forma de trabalhar [...] Utilizar diferentes tipos de textos [...] Criar situações de contato e manipulação dos diferentes suportes de textos [...] Criar situações reais de leitura, solicitando ao aluno que leia tendo um objetivo em vista [...] (LEITE, 2002, p.300).

Nesse sentido, a proposta do presente trabalho foi partir de textos que, segundo Freire (1992), prendessem dinamicamente a linguagem e realidade através de uma abordagem que pudesse dialogar com suas próprias experiências, como seria o caso de textos de cunho fantástico, pois segundo Iser (1996) fazem parte da vida real e estão presentes nas disposições antropológicas da humanidade como um todo.

De acordo com essa perspectiva, Volobuef (2000) discorre sobre a importância social da narrativa fantástica: “não cria mundos fabulosos, distintos do nosso e povoados por criaturas imaginárias, mas revela e problematiza a vida e o ambiente que conhecemos do dia a dia”. Desta maneira, é evidente que o aluno se interessará por esse tipo de literatura e mais que isso, se sentirá representado ao ler uma história lendária do seu contexto cultural, ou ainda uma desconhecida, e se imaginar nela.

Como as histórias selecionadas tiveram como plano de fundo uma problemática social tivemos a oportunidade de observar como a leitura de fato aproximou e prendeu os alunos do 8° ano da escola Anísia Pereira de Lira, como havia falado Zilberman (2003):

Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra é concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor. (ZILBERMAN, 2003, p. 25)

As histórias fantásticas não foram feitas para acomodar o leitor, mas para causar inquietação, curiosidade, desconstruir ou ratificar sua visão sobre diversos aspectos, por isso, não há uma única versão dessas histórias. A expectativa do leitor precisa ser quebrada a fim de conduzi-lo para o universo das possibilidades críticas, objetivando que sua percepção sobre o texto seja o produto final. Desse modo, o leitor precisa estar interagindo com o texto e se torna necessário que ele o desmonte para, então, compreendê-lo.

E foi desenvolvendo atividades que propiciassem a interação entre o meio, o texto e os alunos que tivemos a oportunidade de observar como faz toda a diferença partir não apenas de uma leitura qualquer, mas sim significativa e adequada àquele espaço.

**METODOLOGIA**

As atividades foram realizadas por oito bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) durante o segundo semestre de 2019, às terças-feiras com cerca de 40 alunos de uma faixa etária entre 13 e 15 anos da turma do 8° ano do ensino fundamental da Escola Municipal Professora Anísia Pereira de Lira, localizada na cidade de Aliança – PE.

No primeiro dia foi realizada uma conversa com esses estudantes e tratamos de conhecê-los para saber qual a realidade que eles estavam inseridos e se gostavam de ler, de assistir filmes e se sim, quais gêneros mais gostavam e se não possuíssem esse gosto, solicitamos que explicassem o porquê. As respostas foram diversas, mas chamou atenção o fato de que boa parte da sala não possuía o hábito de ler livros escritos, apesar de confessarem passar boa parte de seu dia nas redes sociais.

Após este momento de conversa, propomos uma dinâmica, os alunos se sentaram em um grande círculo e a primeira pessoa argumentava porque ler é bom, e a posterior argumentava porque é ruim, e assim por diante. Tal dinâmica foi fundamental para que começássemos a compreender quais tipos de texto poderiam ser trazidos, pois ao justificar a razão de ser ruim apontavam, inconscientemente, questões do porquê não costumavam ler. Frases como “ler é ruim porque é extenso”, “ler é ruim porque é cansativo” e “ler é ruim porque é pouco divertido”, foram argumentos que tivemos em conta para elaboração de atividades posteriores, afinal teríamos que trazer para eles uma concepção de leitura muito diferente da que possuíam.

Em seguida discutimos com eles a importância do ato da leitura. E foi interessante perceber como não só concordavam com o que nós colocávamos acerca dela, mas também como tinham suas próprias opiniões sobre o assunto, o que propiciou uma troca tão fluida que conseguimos atingir um dos principais objetivos propostos para aquela tarde: Descobrir qual gênero eles mais gostavam. Com aquela pergunta tão pouco usual houve um tempo para reflexão e discussão sobre o que melhor representava o grupo daquela realidade, até chegarem entre eles a uma temática em que todos concordaram como a que mais chamava atenção na hora de escolher um livro: Lendas, narrativas fantásticas e crônicas, temas que tem uma profunda ligação com a realidade, o que justifica nossa escolha por temas que trouxessem um pouco, ou partisse, do que viviam, pois contemplando esse gosto deles poderíamos ter a curiosidade de conhecer outros gêneros e entrar, de fato, no mundo da leitura.

Consequente a isto, iniciamos o nosso trabalho, e o dividimos em sete partes: Roda de leitura com a história “O casamento da mãe d'água”, sessão e discussão com o filme e o curta-metragem “Comadre Fulôzinha”, Leitura coletiva e debate de “A última Crônica a caminho de casa”, Ressignificação do poema de terror “Uma noite” de Afonso Henriques Neto, fábrica de contos e contação de histórias de terror em razão do dia de Hallowen e Día de los Muertos.

Com “O casamento da mãe d'água”, levamos os alunos para a sala de leitura da escola Anísia e fizemos uma leitura compartilhada da lenda, cada aluno leu um trecho do texto e realizamos um debate para discutir o que foi compreendido, entre outras questões, e conversamos um pouco sobre outros tipos de lendas, uma delas, a lenda da “Comadre Fulôzinha”, muitos alunos contaram relatos já vividos em relação a ela e também relatos que ouviram de terceiros, o que nos impulsionou a levarmos o filme dessa lenda na aula seguinte.

Em outro encontro com estes estudantes, projetamos o filme da “Comadre Fulôzinha” e dando continuidade no encontro seguinte também fizemos com que assistissem a um curta-metragem em formato de animação também de temática semelhante, entretanto, com uma significativa diferença: Que o curta apresentava uma mudança no enredo e na mensagem final que queria perpassar para os telespectadores. Posterior a este momento, analisamos comparativamente, junto

com os estudantes, os dois filmes, destacando aspectos críticos relacionados ao meio ambiente, ao descarte incorreto de lixo na cidade de Aliança – PE e as queimadas na floresta amazônica. Para tanto, levantamos os seguintes questionamentos: Qual a principal diferença entre os filmes? Qual a lição que tiramos desses filmes? Qual a função social desse tema? Ele dialoga com algum fato da realidade. Qual? Por que comadre fulôzinha age dessa forma? Após toda discussão propomos aos alunos a criação de alguns cartazes que passassem a mensagem de preservação do meio ambiente.

Na quarta parte decidimos fugir um pouco do gênero de terror e com a crônica de Fernando Sabino “A última Crônica a caminho de casa”, desviamos um pouco do da tensão, mas não deixamos de partir de algo da vivência deles já que o texto detinha personagens e cenários conhecidos, como era o caso da família e da festa de aniversário. Neste momento, esclarecemos o que era uma crônica e após uma leitura compartilhada, analisamos os aspectos linguísticos, sociais, políticos, filosóficos e psicológicos que podíamos encontrar na crônica lida.

No quinto momento, voltando ao tema terror, levamos o poema “Uma noite” de Afonso Henriques Neto e após sua leitura, desconstrução e interpretação, foi proposto aos alunos que realizassem uma ressignificação daquele poema ou de uma parte que eles mais se sentiram tocados. A ressignificação foi realizada pelos alunos por meio de desenhos em uma folha de papel A4.

Na sexta parte realizamos uma “Fábrica de contos”, os alunos foram divididos em sete grupos e em cada grupo deixamos cinco envelopes, cada um possuía elementos necessários para a criação de um conto: O herói/ O amigo/ O inimigo; O ponto de partida; O objetivo; Um lugar e Um objeto mágico. Os alunos optaram em escolher um de cada, após a escolha cada grupo iniciou a produção escrita de um conto fantástico ou de terror.

No sétimo encontro realizamos uma festa de Halloweem e de Día de los muertos na sala de leitura da escola, trabalhamos as duas comemorações para falarmos que existem diversas culturas em países diferentes. Nesta festa realizamos a leitura de dois contos de terror do livro “A Arte do terror: Memento Mori”: O Relógio e A Procissão. Depois da realização da leitura, interpretamos os contos e discutimos sobre o tema. Perguntamos aos alunos se eles conheciam histórias parecidas e acabou ocorrendo uma troca de experiências de terror.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

No primeiro encontro, inicialmente, percebemos que poucos alunos se interessavam pela leitura e sabiam argumentar sobre a sua importância, muitos afirmavam que não gostavam pelo fato de só haver letras, afirmações que costumamos ouvir e que tem razões diversas, como a falta de estimulo da família, a ausência de um projeto de letramento bem fundamentado e, como observamos na escola Municipal Profª Anísia Pereira de Lira, a falta de livros paradidáticos no ambiente destinado à leitura da escola. Na sala, pelo contrário, chamava atenção, a

majoritária presença de livros didáticos, obra que em si não traz histórias completas, o que dificulta o desempenho da leitura. A partir disto imaginamos que o trabalho para incentivá-los a ler seria bem árduo.

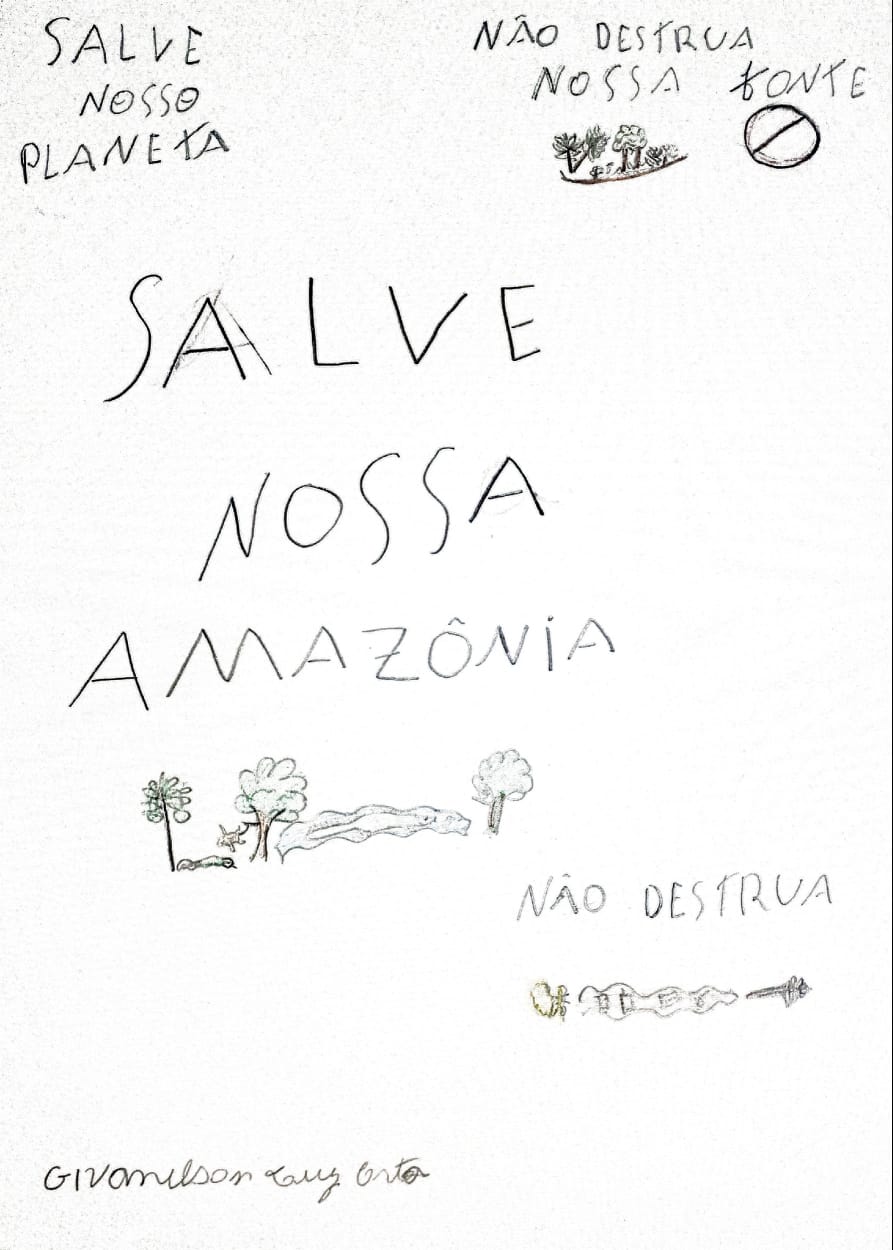
Além disso, refletimos que as escolas deveriam ter consciência de que é necessário investir em uma política de incentivo à leitura, pois os alunos necessitam disso para melhorar o desempenho escolar e social. É necessário praticar o ato de ler.

[...] é fundamental que as políticas de incentivo à leitura se descolem da mera organização de feiras ou da criação de bibliotecas e salas de leitura. O mais urgente é investir em material humano, com a formação de mediadores e bibliotecários capazes de semear o prazer da leitura por todo o país. Mediadores são os instrumentos mais eficientes para fazer da leitura uma prática social mais difundida e aproveitada. (LINARD; LIMA, 2008, p.09)

Ao decorrer da primeira atividade, que foi uma leitura compartilhada, foi perceptível que muitos alunos não queriam ler por não saberem ler (infelizmente ainda existem alunos no 8º ano que ainda não conseguem decodificar os signos escritos e interpretá-los) ou por ter uma grande dificuldade de realizar a leitura. Porém, durante o debate, muitos participaram, opinaram sobre o tema da leitura e começaram a relacioná-lo com a realidade em que eles viviam.

Em relação à atividade de comparação do filme da Comadre Fulôzinha com o curta metragem de mesmo nome, os alunos conseguiram identificar a intenção principal do tema dos dois filmes assistidos: A preservação do meio ambiente. Os alunos perceberam que, por trás daquele jogo de imagens, som, contexto social, dentre outros aspectos que analisamos, existe uma mensagem principal, que nesse caso, como foi dito antes, foi a preservação do meio ambiente, e a comadre fulôzinha, protagonista dos dois filmes expostos, tinha uma função: ser a mãe da natureza, protegê-la como uma mãe protege seu filho.

Logo, conseguimos chegar onde queríamos: fazer uma ponte entre as duas lendas com o que está acontecendo no momento atual: desmatamento da Amazônia. Após conversarmos sobre o tema e conscientizar os alunos a de alguma forma protegerem o meio ambiente propomos que fizessem desenhos e textos/frases que, incentivassem a preservação do meio ambiente. Abaixo anexamos uma das atividades realizadas pelos alunos neste dia:



Com essa percepção cultivada nos filmes, no seguinte encontro constatamos que na leitura da coletiva da “Última Crônica”, os alunos já iam tentando identificar os elementos de desvendamento do texto e em pouco tempo de leitura já iam relacionando a temática do texto à realidade, colocando em prática o letramento literário a partir do pensamento de Cosson (2012):

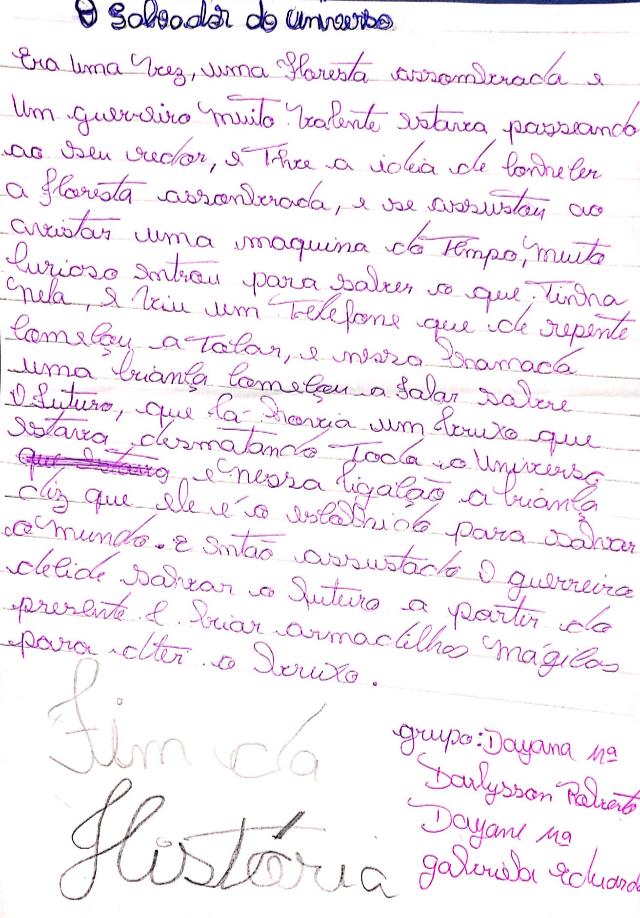
Nessa perspectiva, é tão importante a leitura do texto literário quanto as respostas que construímos para ela. As práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura das obras. A literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. Cabe ao professor fortalecer essa disposição crítica, levando seus alunos a ultrapassar o simples consumo de textos literários. (COSSON, 2012, p.47)

Após a leitura, iniciamos a discussão e muitos identificaram de cara qual era a problemática inserida na Crônica: Uma família humilde e que enfrenta uma dura realidade, mas que não deixa que a pobreza afete o amor e o carinho familiar. A partir desta atividade, conseguimos ter um avanço dos alunos em relação à leitura

e interpretação do texto. A partir disto, podemos afirmar que trabalhar a leitura em sala de aula é realmente difícil, mas que não é impossível e com alguns recursos e táticas podemos alcançar alguma melhoria.

Na atividade de ressignificação de poemas e da dinâmica da fábrica de contos, conseguimos provocar a imaginação e a criatividade dos alunos. Durante a atividade da leitura e interpretação de poemas os alunos capricharam ao tentar fazer a ressignificação.

Na dinâmica da fábrica de contos, não foi diferente, além de conseguirmos trabalhar com a criatividade dos alunos, conseguimos trabalhar com a escrita dos mesmos, tivemos como resultado, a produção de contos maravilhosos. Na imagem abaixo temos um exemplo:



Na festa de Halloween e Día de los muertos, desenvolvemos a leitura compartilhada com contos de terror e textos que contemplaram as temáticas já mencionadas. O principal foco dessa atividade foi despertar nos alunos a curiosidade cultural, buscando trabalhar os aspectos sociais dos textos. Antes da abordagem dos aspectos sociais fez-se necessário uma discussão a respeito das nossas práticas sociais, enquanto brasileiros, sobre o dia de finados e depois discutir, de acordo com os textos e experiências de senso comum, as práticas de países espanhóis que festejam Los días de los muertos e países ingleses que comemoram o Halloween. Pois, de acordo com Antunes (2009), as abordagens dos textos e a compreensão da linguagem fazem parte da nossa bagagem cultural que não é necessariamente desenvolvida na escola, por isso é necessário ouvir e refletir junto com o aluno suas contribuições e experiências no processo de leitura dos textos.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao fim deste trabalho, pode-se comprovar que o estímulo à leitura por parte do professor deve partir de temas que façam parte das vivências dos alunos, entretanto, não necessariamente esse precisa ser um tema presente na realidade, é suficiente que parta dela. E é na literatura de terror, gênero cultivado na oralidade, popular nas classes menos abastadas do século dezoito, que os estudantes podem se identificar com situações que partem de discussões pertinentes, mas também permitem que a imaginação possa correr livremente.

Além disso, durante o processo de uso das estratégias de leitura para interpretar os textos, percebemos que os alunos conseguiram se impor mais, conseguiram opinar e criar um olhar crítico em relação ao texto e à sociedade, logo, percebemos que não se pode abrir mão da utilização destas estratégias no incentivo à leitura, pois, ao realizar este processo, o aluno consegue interagir com o texto e relacioná-lo a sociedade, o que é fundamental para a competência leitora dos mesmos. Portanto, concordamos com a seguinte perspectiva:

Trabalhar com estratégias de leitura permite ao leitor ampliar e modificar os processos mentais de conhecimento, bem como compreender um texto. Compreender é a base para que todas as crianças se engajem completamente na leitura de livros de literatura e se tornem leitoras. (GIROTTO; SOUZA, 2010, p.108)

Este projeto, realizado na Escola Profª Anísia Pereira de Lira partiu, portanto, da perspectiva de que a prática de leitura condiciona os demais processos educacionais, assim, sabendo o quão indispensável era construir com os alunos a percepção leitora, que se inicia no mundo e parte para a escrita, propomos para os alunos uma vez por semana durante o segundo semestre deste ano de 2019, atividades que os instigassem a produção de textos, ao debate, a contação de histórias, a ressignificação de poemas, entre outros gêneros com as temáticas escolhidas ao longo de sete encontros, a literatura de terror, as lendas e o fantástico.

Sabendo o que esperar de um projeto de leitura iniciado numa conversa sobre o que conheciam e buscando adaptar a iniciativa àquela realidade, ainda assim terminamos surpreendidos pela progressão significativa de cada atividade, como a cada vez que trazíamos algo diferente eles se interessavam mais, como superavam suas dificuldades nas etapas realizadas.

Com toda essa experiência vivenciada no Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) fica evidente a necessidade de que, para além de conduzir o aluno ao conhecimento, este deve ser construído com ele, pois, quando a leitura parte de um campo em que ele se sente identificado, de algo que ele conhece, ainda que viaje diretamente ao absurdo, ao estranho ou fantástico o fará querer mais, visto que são a tensão e a curiosidade ferramentas valiosas para o professor, e saber disso através desse projeto, fez toda a diferença para nós bolsistas tanto a nível acadêmico quanto profissional.

**REFERÊNCIAS**

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2009.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2012.

FREIRE, P**. A importância do ato de ler**:em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

GIROTTO, C. G. G.S.; SOUZA, R. J. **Estratégias de leitura**: para ensinar alunos a compreender o que leem. In: SOUZA, Renata Junqueira (org). Ler e compreender: estratégias de leitura. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2010.

ISER, Wolfgang. **O Fictício e o Imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

KLEIMAN, Angela. **Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor**: teorias de leitura e ensino. In: ROSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BECKER, Paulo Ricardo (Orgs.).Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca. Passo Fundo: UPF, 2002.

LEITE, Adina Benaia Borges et al. A importância da leitura feita pelo professor para as crianças na formação de alunos leitores e produtores de texto. **Akrópilis: Revista de Ciências Humanas da UNIPAR**, Umuarama, v.10, n.4, p. 299-303, 2002.

LINARD, Fred; LIMA, Eduardo. O X da questão. **Nova Escola**, São Paulo, SP, n° 18, 2008.

PERINI, Mario A. A leitura funcional e a dupla função do texto didático. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da; ZIBERMAN, Regina. (Org.). **Leitura**: perspectivas interdisciplinares. 5ªed. São Paulo: Ática, 1999.

VOLOBUEF, Karin. Uma leitura do fantástico: A invenção de Morel (A. B. Casares) e O processo (F. Kafka). **Revista Letras**, Curitiba, n. 53, p. 109-123, 2000.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 11ª ed. São Paulo: Global, 2003.

1. Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE-CMN) e bolsista do Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência (PIBID). [↑](#footnote-ref-1)
2. Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE-CMN) e bolsista do Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência (PIBID). [↑](#footnote-ref-2)
3. Graduado do Curso de Licenciatura em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE-CMN) e supervisor do Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência (PIBID). [↑](#footnote-ref-3)
4. Doutora em Língua Portuguesa pela PUC São Paulo e coordenadora do Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência (PIBID) Letras pela Universidade de Pernambuco Campus Mata Norte (UPE-CMN). [↑](#footnote-ref-4)